

ALERTA DO ANTI-SOROS

Ana Beatriz Magno
Da equipe do **Correio**

Paul Krugman está do outro lado do balcão de George Soros. Em comum, os dois têm a bajulação da mídia. E só. Krugman, americano e economista, estuda as economias emergentes e as crises mundiais. É o teórico do dinheiro moderno.

O húngaro naturalizado americano George Soros encarna o globalizado capitalismo especulativo do fim do século da mesma maneira que Henry Ford foi o retrato do capital industrial dos anos 20. Soros, antigo patrão de Armínio Fraga, o novo presidente do Banco Central, é o homem que aprendeu a multiplicar dinheiro. Ou seja, Krugman vive de estudar Soros e seu mundo.

Na tarde de segunda-feira, o presi-

dente Fernando Henrique Cardoso recebeu o último trabalho de Krugman sobre o Brasil. São duas folhas de papel com o título *Alas, Brazil* — alas, em inglês, é exclamação de pesar, esclarece o dicionário Websters. Significa, portanto, *Ai, Brasil*.

Nas 52 linhas, ele critica a fórmula imposta pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) ao Brasil, pós-liberação do câmbio. Krugman elogia a desvalorização do real, mas reclama dos passos seguintes. Detalhe: escreveu 24 horas antes da nomeação de Fraga, tão aplaudida pelos tecnocratas do FMI, como Stanley Fischer, o vice-diretor do Fundo.

“As autoridades brasileiras foram a Washington e durante o fim de semana foram persuadidas — ou forçadas, segundo rumores — a anunciar que as taxas de juros iriam subir, e não cair. O resultado: desespero e colapso da moeda”, diz Krugman

Especialista em detalhar os cenários que detonaram as catástrofes econômicas nas nações emergentes, Krugman cutuca Fernando Henrique. Assume que até então silenciara sobre o Brasil por respeito às medidas adotadas pelo governo, mas que a alta dos juros o estimulou a falar.

SEQÜELAS

“Se o Brasil conseguisse manter a moeda livre sem aumentar as taxas de juros, significaria que a recessão imposta ao país — e talvez em outros lugares — teria sido desnecessária, gratuitamente imposta em nome de uma teoria incorreta”, escreveu o economista tarimbado nas seqüelas deixadas pelo receituário do FMI em países como a Rússia, o México e os tigres asiáticos. Todos derrotados por capitais aventureiros como os de Soros — e

depois socorridos pelo FMI.

Krugman acha que o controle de capitais atenuaria a situação brasileira e que, do contrário, o retorno da inflação e o desemprego serão implacáveis. “O presidente Fernando Henrique disse que controles de capital não devem ser considerados, porque impor algo assim seria eliminar qualquer chance de o Brasil se tornar uma nação de ‘primeira classe’”.

O argumento do presidente não convence o economista. Professor do Massachusetts Institute of Technology, Krugman recorda algo que Soros, fugitivo da Segunda Guerra e dos países comunistas, deve também recordar. “É bom lembrar que muitos dos países de ‘primeira classe’ mantiveram controles de capital por mais de uma geração depois da Segunda Guerra Mundial”.